

A ANÁLISE DE TEMPO EM TICUNA (TIKUNA) REVISITADA: QUESTÕES SOBRE ANÁFORA TEMPORAL E SEQUENCIAMENTO TEMPORAL

Marília Facó Soares¹

RESUMO:

Este trabalho retoma questões abertas em Soares (2005), trabalho em que afirmamos que caberia investigar se o tempo em Ticuna (Tikuna), ao invés de ser concebido como uma dimensão temporal construída a partir de operadores pertencentes a uma metalíngua, poderia ser visto como centrado na existência de entidades temporais na própria língua. Um tal questionamento leva necessariamente à busca por dados relativos à anáfora temporal e a fenômenos anafóricos de modo geral, colocando dificuldades para uma abordagem do tempo a partir de operadores. Nosso principal objetivo neste artigo é, assim, verificar a existência ou não de sequenciamento temporal (SOT) e, conseqüentemente, as possibilidades da anáfora temporal nessa língua.

Palavras-chave: tempo; operadores; sequenciamento temporal (SOT); Ticuna; Tikuna; línguas amazônicas

ABSTRACT:

A TENSE ANALYSIS IN TICUNA (TIKUNA) REVISITED: ISSUES ON TEMPORAL ANAFORA AND SEQUENCE-OF-TENSE

This paper addresses some open questions left in Soares (2005), in which we claimed that it would be worth investigating whether or not tense in Ticuna (Tikuna) could be seen as centered around in the existence of temporal entities found in the language itself. Such questioning necessarily leads to the search for data related to temporal anaphora and to anaphoric phenomena in general. This is the type of data which, if found, will cast doubt on the approach which just conceives tense as a temporal dimension constructed from operators belonging to a metalanguage. Our main aim in this article is,

¹ Museu Nacional/UFRJ- CNPq. E-mail: marilia.faco@gmail.com

then, to verify the existence or non-existence of sequence-of-tense (SOT) and, consequently, the possibilities of temporal anaphora realization in this language.

Keywords: tense; operators; sequence-of-tense (SOT); Ticuna; Tikuna; Amazonian languages

INTRODUÇÃO

Este trabalho retoma questões abertas em Soares (2005), trabalho em que afirmamos que caberia investigar se o tempo em Ticuna (Tikuna), ao invés de ser concebido como uma dimensão temporal construída a partir de operadores pertencentes a uma metalíngua, poderia ser visto como centrado na existência de entidades temporais na própria língua. Um tal questionamento leva necessariamente à busca por dados relativos à anáfora temporal e a fenômenos anafóricos de modo geral, colocando dificuldades para uma abordagem do tempo a partir de operadores. Ao retomar questões abertas em Soares (2005), temos por principal objetivo verificar a existência ou não de sequenciamento temporal (SOT) e, conseqüentemente, as possibilidades da anáfora temporal nessa língua. Para tanto, apresentamos primeiramente a anáfora temporal e SOT, ao lado de posições e algumas soluções teoricamente representativas a respeito. A abordagem do caso Ticuna constitui a parte central do artigo, situando-se essa língua no quadro daquelas em que as propriedades do Tempo não estão codificadas (apenas) na morfologia verbal.^{2*}

1- SOBRE ANÁFORA TEMPORAL E SEQUENCIAMENTO DE TEMPO (SOT)

Entre os tipos de anáfora mais conhecidos estão a anáfora individual e a anáfora de entidade abstrata. À primeira corresponderia o exemplo em (1), em que há a ocorrência entre pronome e indivíduo (antecedente); e à segunda corresponderia o exemplo em (2), em que a co-referência se dá entre pronomes e *fatos/proposições mencionados/as previamente (antecedentes)*:

- (1) *Pedro_i supõe que Maria o_i ama.*
- (2) *Pedro foi assaltado_i e isso_i o deixou nervoso.*

Menos comumente abordada no estudo de várias línguas, sobretudo as indígenas, a anáfora temporal vincula-se a ocorrências de dependências temporais no discurso e em sentenças complexas (Zagona (2003: 140)), como mostram, respectivamente, os pares de exemplos a seguir¹:

- (3) a. Pierre entra dans le salon. Il s'assit sur la banquette. Il s'endormit. (francês)
- b. Peter entered the living room. He sat down on the sofa. He fell asleep. (inglês)
- c. Pedro entrou na sala. Sentou-se no sofá. Adormeceu.' (português)

² * Com relação às abreviaturas utilizadas na apresentação dos dados da língua Ticuna (Tikuna) e que aparecem nas glosas, essas são as seguintes: ASP= aspecto; HIP = hipotético; INC = incerteza; LOC= locativo; NMLZR = nominalizador; OI = objeto interno; PAS = passado; PL= plural; TOP= tópico; 1PSG = primeira pessoa do singular; 3P = terceira pessoa não-especificada para traço de gênero; 3PF = terceira pessoa feminina; 3PF/C = terceira pessoa de familiaridade, intimidade e/ou de consideração.

- (4) a. Max fell. John pushed him. (inglês)
 b. Maximiliano caiu. João o empurrou. (português)
- (5) a. John will say *tomorrow*_i that Mary is leaving *that day*_i.³
 b. João dirá *amanhã*_i que Maria vai embora *nesse mesmo dia*_i.
- (6) João disse que Maria estava feliz
 (sentença ambígua; correspondência a: João disse: “Maria está feliz”/
 João disse: “Maria estava feliz”

Os exemplos em (3) e (4) constituem um caso de anáfora temporal no discurso, enquanto o par de exemplos em (5) e (6) exibe anáfora temporal em sentenças complexas. Em (3), os eventos exemplificados ocorreram no passado, sendo que a interpretação quanto à sua sequência é dependente da ordem de sua introdução no discurso. Já em (4), a ordem dos eventos não acompanha a sua ordem textual, tendo-se que, para efeito de interpretação, a segunda oração serve para explicar a primeira.

Em conformidade com o propósito deste trabalho, não lidamos aqui com a anáfora temporal no discurso, mas sim com a questão da anáfora temporal em sentenças complexas, o que nos leva a focalizar a Regra de Sequenciamento Temporal (doravante, SOT), por meio da qual se estabelece uma dependência do tempo do evento de uma oração subordinada em relação ao tempo de uma oração subordinante (matriz/principal). Por essa regra, há alguma base para a co-referência entre o elemento portador de Tempo da oração principal e aquele da oração complemento, ou seja: há uma penetração anafórica da oração complemento pelo Tempo da oração principal.

A relação temporal entre oração complemento e oração principal pode ser obtida por meio da investigação sobre o fenômeno de SOT. Para o espaço deste artigo, trazemos, a título de exemplificação de posições teóricas, dois trabalhos situados em momentos diferentes da Teoria de Princípios e Parâmetros: Hornstein (1990) e Zagana (2014).

Hornstein (1990) alcança resultados que envolvem SOT, ao buscar a construção de um modelo formal sobre o Tempo concebido como parte da competência linguística inata. Assim, tendo o modelo de Regência e Vinculação da Teoria de Princípios e Parâmetros como referencial teórico e apresentando a proposta de um modelo para o Tempo de caráter universal, Hornstein (1990) analisa a interação do tempo (*tense*) com os advérbios, conectivos temporais e complementação, além de mostrar que é possível determinar formalmente as restrições sobre a combinação entre o Tempo da oração principal e aquele da oração subordinada. Constitui parte dos resultados alcançados por Hornstein: a especificação das relações entre o tempo da fala (S), da referência (R) e do evento (E), a partir de relações básicas (entre S e R; e entre R e E); a determinação da compatibilidade entre tempos; a separação do fenômeno SOT em seus aspectos morfológicos e semânticos; a opacidade entre a sintaxe do tempo e a sua interpretação temporal. Como pontos importantes a ressaltar estão ainda a afirmação, segundo a qual o tempo passado da oração complemento é semanticamente nulo e o fato de que orações relativas não são atingidas por SOT.

³ Exemplo extraído de Higginbotham (2006).

O trabalho de Zagona (2014) é outro exemplo de investigação e resultados alcançados sobre SOT, desta vez no âmbito da versão minimalista da Teoria de Princípios e Parâmetros. Neste trabalho, a argumentação encontra-se voltada para a rejeição, de um lado, da abordagem clássica de SOT⁴ e, de outro lado, para a defesa da ideia de que se deve separar o tempo da oração encaixada da aparência manifesta de forma passada que ocorre nessa mesma oração – forma essa que se manifesta por efeito de concordância com o tempo da oração matriz, controlador da encaixada, em uma clara exibição de SOT. Na esteira de sua defesa, a autora propõe e sustenta que a oração exibidora de SOT deve ser analisada como finita, possuindo tempo especificado como presente – uma solução que dispensa uma regra estipulada de apagamento de tempo e, ainda, uma outra, que impõe uma sobreposição temporal entre os eventos das duas orações. Para responder à questão de como a derivação sintática procederia e, ainda, para saber como a interpretação seria construída a partir do material que é input para a Forma Lógica, Zagona (2014) percorre um caminho em que o tempo de avaliação da oração encaixada é compreendido como o tempo do evento da oração principal (“*o verbo parece tomar forma “passada” não porque Tempo possui valor de passado, mas porque o verbo é avaliado relativamente a tempo passado*” (idem, p. 262); tradução nossa)). Além disso, vê a morfologia do verbo como refletidora de valores de categorias funcionais para além do tempo local, sendo que Tempos (*Times*) são analisados como referenciais e introduzidos como argumentos do Sintagma Temporal (TP) (“*argumentos de Tempo são conceptualizados como estruturalmente análogos a outros argumentos*”; idem, p.263).

É importante notar que Zagona (2014) assume uma abordagem referencial dos tempos (*times*) diferente daquela de Partee (1973) e Kratzer (1998), que, por sua vez, dá sequência ao trabalho de Partee.⁵ Esta última autora analisa tempos de modo semelhante a pronomes, que são livres para buscar seu antecedente em diferentes contextos. Já Kratzer (2008) se põe em busca de mais similaridades estruturais entre pronomes e tempos, adotando a ideia de um tempo zero. Tal como um pronome zero - aquele ao qual faltariam traços ϕ no início da sua vida sintática e que poderiam adquirir pronúncia em PF -, um tempo zero, na qualidade de anáfora, poderia apanhar traços de seus antecedentes, o que permitiria a sua pronúncia em orações finitas (salvaguardadas as diferenças entre pronomes e tempos enquanto categorias sintáticas distintas e tipo de denotação⁶ (Kratzer (1998: 3, 11)).

Assumindo, portanto, uma abordagem referencial dos tempos sob outro ângulo, Zagona (2014) vê Tempos [*Times*] como argumentos implícitos. Esses são traços em outras categorias funcionais, mais

4 Zagona (2014:261-262) rejeita a análise clássica de SOT, em princípio, por duas dificuldades: a) essa permite que se possa supor o Tempo, em oração com SOT, como traço não interpretável ou não avaliado, o que levaria ao seu apagamento, ficando a oração sem Sintagma Temporal (TP) – algo indevido, já que orações com SOT se comportam como outras orações com tempo, com respeito a Caso, EPP, vinculação (*binding*) e extração; b) essa mesma análise deixa sem explicação a existência de uma relação fixa entre o predicado da oração principal e a oração com SOT, relação em que o tempo do evento encaixado não pode ser construído como subsequente ao evento da oração principal.

5 Ao assumir uma abordagem referencial dos tempos de modo diferente das apresentadas por Partee (1973) e Kratzer (1998), Zagona (2014) dá sequência a um seu trabalho anterior que, intitulado *Temporal argument structure* e apresentado em 1990 no MIT, traz em sua proposta a concepção do Tempo (*Tense*) como um núcleo que projeta uma projeção máxima TP, sendo dois os argumentos selecionados: o argumento interno é o Tempo do Evento; e o externo, o Tempo da Fala. Zagona (idem, ibidem) se alinha com Stowell (1996) e Demirdache & Uribe-Etxebarria (2000). Com relação a Stowell (1996), esse autor apresenta “*um esboço de uma teoria frasal que incorpora uma série de projeções funcionais formadoras da base para a interpretação do tempo*” [tense] (idem, p. 277), afastando-se, com isso, da maior parte das teorias prévias sobre o tempo, baseadas, segundo ele, em “*um conjunto idiossincrático de regras semânticas para explicar a distribuição e a interpretação de formas particularese de tempo*” (idem, ibidem). A teoria desenvolvida em Stowell (1996), em suas próprias palavras, busca derivar a maior parte da semântica do tempo (*tense*) a partir de princípios independentemente motivados da teoria sintática. Quanto a Demirdache & Uribe-Etxebarria (2000), esses autores veem o Tempo (*Tense*) como um predicado diádico que toma sintagmas denotadores de tempo como argumentos e projeta sua estrutura argumental temporal na sintaxe.

6 Nas palavras da própria Kratzer (1998: 11): “*Tenses and pronouns belong to different syntactic categories, and this determines the choice of possible local antecedents for zero tenses. Tenses are functional heads, and this means that they have to enter anaphoric relationships directly, without mediation of other elements. And there are differences in the type of denotation. All tenses denote time intervals, but few pronouns do.*”

propriamente do que categorias independentes. Em uma assunção atualizada da representação dos Tempos [*Times*] em termos das categorias funcionais correntes da oração, Zagona (2014) considera os Sintagmas de Tempo (TP) e Finitude (FinP) como duas partes de uma projeção TP estendida constituída de dois núcleos de Tempo (*Tense*) mediados por modalidade (núcleo: Mod; sintagma: ModP). A projeção TP estendida liga temporalmente dois eventos, gramaticalmente codificados no âmbito do ‘light verb’ (ou vP) e no Sintagma de Força (ForceP). Zagona (2014) toma esse último como o reflexo gramatical do “ato de fala”, isto é, o evento de avaliação do evento em vP. Com isso, tem-se a atribuição de um traço de Tempo [*Time*] a cada um dos eventos e o estabelecimento de uma relação entre vP e o evento de avaliação que ocorre no ‘Tempo da Fala’⁷. Os tempos introduzidos pelo Sintagma Finitude (FinP) e pelo Sintagma de Tempo (TP *Tense Phrase*) não são Sintagmas Determinantes (DPs) abertos: sua referência é recuperável a partir do contexto, sendo condição para essa recuperação que haja uma identificação morfológica do que está implícito. Para a identificação do Tempo do Evento abrigado em vP, a identificação é satisfeita por meio da checagem do traço não interpretável de Tempo [*Tense*] de v (‘little v’ ou v-zinho). No que diz respeito ao Tempo do argumento em ForceP, a proposta é a de que haja duas variedades de núcleo de ForceP, diferentes em seus traços, sua distribuição e seus mecanismos de identificação. A primeira variedade ocorre nas orações principais e em ambientes não selecionados (entre os quais as orações relativas), sendo o seu tempo de avaliação identificado contextualmente. Já a segunda variedade aparece nas orações complemento, especialmente nas orações que exibem SOT e têm o seu tempo de avaliação identificado por um antecedente linguístico, que é o evento matriz. O modo como os traços na periferia esquerda da sentença permitem a identificação do tempo de avaliação é igualmente indicado pela autora. Se ForceP expressa uma asserção por parte do falante, o núcleo é Force_{sp}, que, além de possuir um traço interpretável de tempo, é representado como possuindo também um traço interpretável Pessoa, avaliado como Falante. Por possuir traços interpretáveis, Force_{sp} tem seu tempo de avaliação identificado contextualmente. Se ao núcleo de ForceP faltar especificação para Falante, esse núcleo será Force_{AGR}: segunda variedade de núcleo de ForceP, seu tempo de avaliação não será identificado contextualmente, havendo necessidade de identificação gramatical por meio da morfologia verbal. Em uma oração encaixada, Force_{AGR} será alcançado pela sonda da oração matriz, um núcleo com traços phi. Se Force_{AGR} portar um traço [Tempo] ([*Tense*]) não interpretável, será alvo do tempo de avaliação codificado na oração matriz, atrelando-se a isso a ideia de que a forma verbal possui *slots* para valores de traço de núcleos funcionais mais altos. Assim, generalizando o mecanismo da identificação gramatical, que envolve vP e ForceP, Zagona (2014) dá conta formalmente do que ocorre nas línguas que exibem SOT e formula o parâmetro SOT, pelo qual uma língua exhibe sequência de tempos se Force_{AGR} portar traço [Tempo] ([*Tense*]) não interpretável. Como SOT é elevado à condição de parâmetro, línguas em que o antecedente não portar [Tempo] serão aquelas que não exibirão SOT (*non-SOT languages*), uma vez que não haverá como engatilhar a concordância presente no mecanismo de identificação gramatical.

Os dois trabalhos, que constam aqui como exemplos de dois momentos diferentes da Teoria de Princípios e Parâmetros, apresentam diferenças e semelhanças. Entre as semelhanças, estão

7 Zagona (2014: 264) se reporta explicitamente a “termos reichenbachianos”, em uma clara referência, no próprio texto, a Reichenbach, muito embora esse último não conste das referências desse mesmo texto.

determinados pontos que os aproximam, entre os quais selecionamos dois. Tanto Hornstein (1990) quanto Zagona (2014) apresentam uma inspiração reichenbachiana⁸, seja pela referência aos tempos como relações de lugares entre S, R e E (Hornstein, 1990), seja pela consideração do evento de avaliação como aquele que ocorre no ‘Tempo da Fala’ (isto é, S). Ambos operam formalmente separações em termos de SOT, buscando soluções para a diferença entre interpretação semântica e morfologia manifesta. Quanto às diferenças, afora questões de concepção e procedimentos, convém ressaltar aquela referente à própria visão sobre SOT: de fenômeno de caráter mais geral (Hornstein, 1990), SOT passa a ser tratado como parâmetro (Zagona, 2014), permitindo que as línguas recaiam em um de dois grupos: aquelas que exibem SOT (*SOT languages*) e as que não o fazem (*non SOT languages*). Como essa é uma diferença relevante, procurar verificar as possibilidades de operação ou mesmo da existência de SOT na língua aqui objeto de estudo torna-se um passo necessário.

2- LÍNGUAS EM QUE AS PROPRIEDADES DO TEMPO NÃO ESTÃO CODIFICADAS (APENAS) NA MORFOLOGIA VERBAL

Há um conjunto de línguas que não codificam abertamente as propriedades do Tempo na morfologia verbal e/ou quebram expectativas com respeito à marcação temporal. Nesse conjunto estão, por exemplo, as línguas Warlpiri, Kayardild, Tapirapé, Ayoreo. Em Warlpiri (Austrália; Comrie (1985:12)), o tempo pode ser expresso como marcador colocado na posição de partículas sentenciais. Em Kayardild (Austrália), há exemplos de múltipla marcação aberta do mesmo valor temporal na oração (o que também ocorre com caso e modo; cf. Arkadiev & Klamer, M. (2016:2)). Já em Tapirapé (família Tupi-Guarani, Brasil), os nomes acolhem expressão de tempo, o que também se dá com outras línguas da mesma família (para o Tapirapé, cf. Leite, Soares & Souza (1985: 20); para outra língua da mesma família, ver, por exemplo, o Tenetehára (Tenetehára-Guajajara) em Castro & Camargos (2015)⁹). No que diz respeito à língua Ayoreo (família Zamuco, Bolívia, Paraguai), Bertinetto (2014) a analisa como radicalmente sem tempo, no sentido de que lhe faltam tempos gramaticais, não apresentando essa língua uma articulação pela qual diferentes formas constroem oposições estruturais com base em propriedades contrastantes de tempo, aspecto e modo.

A língua Ticuna ou Tikuna (língua tonal, de difícil classificação genética¹⁰ e falada três países - Brasil,

8 De Reichenbach (ver nota acima; ver também Reichenbach, Hans. 1947. *Elements of symbolic logic*. New York: Free Press).

9 Para tratar a questão da expressão do tempo (e também do aspecto) nos nomes em Tenetehára, Castro & Camargos (2015) propõem que “os sintagmas nominais recebem morfologias funcionais capazes de codificar categorias de tempo e de aspecto”.

10 Do ponto de vista histórico-comparativo, a língua Ticuna (Tikuna) ainda pode ser considerada como um tipo isolado único. Greenberg (1987) fez essa língua aparecer como membro de um suposto tronco Macro-Tukano [Greenberg, J. H. (1987). *Language in the Americas*. Stanford, Stanford University Press.]. No entanto, devido a falhas nos procedimentos empregados – em que dados foram considerados de maneira inaccurada, em que não houve controle dos empréstimos e em que falsas etimologias foram criadas –, o trabalho de Greenberg (1987) resultou em uma classificação probabilística bastante criticada e sem o necessário respaldo científico, conforme seus críticos (ver a respeito, por exemplo, Kaufman, T. (1990) [Kaufman, T. (1990). *Language history in South America: what we know and how to know more*. In: Payne, D. L. *Amazonian Linguistics. Studies in Lowland South American Languages*. Austin: University of Texas Press]. Precedentemente, Nimuendajú já havia se debruçado sobre a questão da classificação do Ticuna (Tikuna) do ponto de vista histórico-comparativo [cf. Nimuendajú, Curt. 1952. *The Tukuna*. In *University of California Publications in American Archeology and Ethnology*, volume 45, ed. Robert H. Lowie, 209 p. Berkeley and Los Angeles: University of California Press.]. Ao comparar seus próprios dados do Ticuna (Tikuna) com possíveis equivalentes em outras línguas, Nimuendajú (1952: 156-158) notou similaridades entre o Tikuna e o Yuri, a partir das listas vocabulares de Spix e Martius sobre essa última língua: “*The similarities with Yuri are fewer, but not less in importance, and it is regrettable that we lack phonetically written vocabularies of this language; I myself did not find anyone who still spoke it*” (p. 156); “*The Tukuna forms for the first person singular (masc.) and the first person plural (masc.) of certain pronouns correspond to the Tupí, as well as the Yuri, forms. These are: First person singular (mas.) ça; First person plural (mas.) ta*” (p. 158). Devido a características distintivas do Tikuna (como as formas de terceira pessoa, marcadas por gênero e noções de localidade e tempo), Nimuendajú considerou preferível, porém, considerar o Tikuna, “for the time being”, como uma língua isolada, tal como o haviam feito Alexander F. Chamberlain e Günter Tessmann [Chamberlain, A. F. (1910). Sur quelques

Peru e Colômbia¹¹), é parte desse conjunto, por não codificar abertamente as propriedades do Tempo na morfologia verbal. No entanto, apresenta um sistema temporal estruturado que, abordado na seção a seguir, nos permitirá verificar a existência ou não de SOT e, conseqüentemente, as possibilidades da anáfora temporal na língua.

3- O CASO TICUNA (TIKUNA)

O Ticuna (Tikuna) é uma língua cuja sintaxe é complexa. Privilegia construções com tópicos, em detrimento da posição de sujeito, candidata a vazios estruturais (Soares, 1990). Tal fato se coaduna com a não geração de um sujeito interno a um vP, isto é, no âmbito do ‘light verb’. Como demonstramos em Maia et alii (1999), relativamente a essa língua, “o teste por meio de quantificadores flutuantes do tipo “*todos*” não funciona, uma vez que as diferentes posições que o quantificador ocupa não marcam necessariamente a posição por onde se move o sujeito”. No que diz respeito à ordem superficial de palavras, essa apresenta flexibilidade, tendo sido observadas, principalmente, as chamadas ordens SOV, SVO e OVS. A aparente flexibilidade da ordem de palavra foi por nós explicada por meio da Teoria do Caso (Soares, 1992a, 2000), sendo que, para isso, consideramos central buscar saber qual é a relação entre o verbo e seus argumentos na língua estudada. A essas características maiores, somam-se a possibilidade de existência de uma projeção Aspecto propriamente dita, a presença de clíticos objetivos, além de construções em adjunção e a mencionada ausência de marcação temporal na morfologia verbal. Especificamente em relação a uma projeção Aspecto, discriminamos, em Soares (2010) entre noções aspectuais localizáveis no âmbito da categoria funcional ‘little v’ (ou v-zinho) e aquelas vinculáveis a uma projeção aspectual propriamente dita em Ticuna. A análise das noções aspectuais realizada em Soares (2010) foi precedida de outra, que apresentamos em Soares (2008), trabalho em que focalizamos noções aspectuais na mesma língua, consideramos suas possibilidades de tratamento formal e em que escrevemos:

familles linguistiques peu connues ou presque inconnues de l’Amérique du Sud. *Journal de La Société des Américanistes*, n.s., 7:179-202; Tessmann, G. (1930). *Die Indianer Nordost-Perus*. Hamburg). Na década de 90 do século XX, a hipótese de um agrupamento Ticuna-Yurí (língua que estaria extinta) é reconhecida por Campbell (1997: 184) como tendo nascido em trabalhos de outros autores: “*Yuri-Ticunan* [Júri-Tikuna stock] Greenberg and Swadesh group these, and Kaufman (1994: 62) finds that there is lexical evidence in support of such a grouping” [Campbell, Lyle. (1997). *American Indian Languages: the historical linguistics of native America*. Oxford: Oxford University Press; Kaufman, Terrence. 1994. *The native languages of South America*. In *Atlas of the world’s languages*, ed. Christopher Moseley and R. E. Asher, 46-76. London: Routledge]. Mais recentemente, Carvalho (2009) procurou reunir evidências relevantes para aplicação dos instrumentos do método comparativo, tendo por base desenvolvimentos da teoria fonológica [Carvalho, Fernando Orphão de. 2009. On the genetic kinship of the languages Tikúna and Yurí. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica* 1 (2): 247-268.]. Ao expor seus argumentos, Carvalho (2009) deixa claro que leva à frente “a hypothesis qualified as “promising” in the reference works of investigators of the historical linguistics of South America” – hipótese essa explicitada, como dissemos, em Campbell 1997: 184). A partir do próprio texto de Carvalho (2009), é possível se ter uma visão um pouco mais nuançada das possibilidades de relação genética entre o Yurí e o Tikuna. No trabalho de comparação efetuado, os argumentos desse último autor envolvem: a) formas pronominais, sendo que determinadas formas pronominais do Tikuna em comparação com formas pronominais correspondentes do Yurí já se encontram em Nimuendajú (1952: 158); b) formas do vocabulário básico, a partir de dados principalmente de Martius, Spix, Wallace, além de Loukotka, subsidiariamente [Loukotka, C. 1968. *Classification of South American Indian languages*. Los Angeles: University of California Press.]; c) a busca por correspondências sistemáticas, que permitam a confirmação de determinados itens como cognatos; d) a utilização de desenvolvimentos teóricos em fonologia; e) a identificação de umas poucas regularidades, sob cautela e por meio de um trabalho minucioso e atento às limitações das transcrições de Martius, Spix e Wallace. Em 2014, com base em Rivet (2012) e, sobretudo, Carvalho (2009), além de apoio em Goulard & Montes (2013) (que, por sua vez, também recorrem a Carvalho (2009)), Seifart & Echeverri voltam-se para a hipótese do relacionamento entre o Yurí e o Ticuna (Tikuna) e tentam levá-la adiante (cf. Seifart, F.; Echeverri, J. A. (2014). Evidence for the identification of Carabayo, the language of an uncontacted people of the Colombian Amazon, as belonging to the Tikuna-Yurí linguistic Family. *PLoS One*. 2014; 9(4): e94814. Disponível em <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3989239/>); cf. também: Rivet P. (1912). Affinités du Tikuna. *Journal de la Société des Américanistes* 9: 83–110; Goulard, J. P.; Montes, M. E. R. (2013) Los Yurí/Jurí-Tikuna, en el complejo socio-lingüístico del noroeste amazónico. *LIAMES* 13: 7–65.)

11 Para uma visão da área geográfica extensa em que vive a grande população Ticuna no Brasil, assim como de suas numerosas comunidades, consultar Magüta/CGTT (1998).

“Na língua, há um morfema (i-) que, cobrindo o aspecto progressivo, antecede o prefixo pessoal subjetivo e ocorre na margem esquerda do verbo. Esse morfema não entra em composição com a raiz (está afastado desta última) e é combinável a um verbo já categorizado como tal. Esse mesmo morfema pode conviver com sufixos aspectuais, sejam esses últimos parte de uma estrutura acategorial ou expressão de um pequeno verbo.” (Soares (2008: 58))¹²

A propósito dos clíticos objetivos, estabelecemos uma relação entre esses e a marca de ‘objeto’ interna ao verbo. Assim, escrevemos, em Soares (2010:230, n.55), que:

“...a abreviatura OI indica uma marca de ‘objeto’ interna ao verbo, que sempre vimos como um termo que participa da localização sintática de um sintagma situado fora do predicado, e não como um morfema estabelecedor de concordância. Em Soares (2000: 117-118), mostramos que a marca de ‘objeto’ interna ao verbo em Ticuna [Tikuna] apresenta relacionamento patente com o clítico objetivo a partir de muitas generalizações descritivas. Sem serem consideradas como um dispositivo para o estabelecimento de concordância entre o verbo e o sintagma que, interpretado como objeto, constitui uma estrutura em adjunção, as marcas de ‘objeto’ internas ao verbo poderiam ser tratadas como resultado de um processo de incorporação dos clíticos, “abrindo-se, em função desse tratamento, espaço para um estudo sobre autorização de cadeias na língua”. Assim como os clíticos objetivos, a marca de ‘objeto’ interna ao verbo é característica da aparente ordem superficial SVO em Ticuna. Os clíticos aparecem imediatamente à esquerda do verbo, recebem marca de caso e são sempre co-referenciais a um sintagma em adjunção. Clíticos e marca interna de ‘objeto’ podem procurar livremente por seu antecedente...”¹³

Por fim, com respeito às duas últimas características maiores que, mencionadas acima, completam o perfil da língua Ticuna - as construções em adjunção e a ausência de marcação temporal na morfologia verbal -, essas se fazem presentes a seguir, como parte das questões maiores com que lidamos no presente artigo.

Conforme Soares (2005, 2007), a língua Ticuna (Tikuna) apresenta elementos que se encontram regularmente ao alcance do Tempo na sentença, conforme se pode ver em (7) a seguir:¹⁴

¹² Registramos que, em Soares (2010), realizamos uma análise formal mais completa dos sufixos aspectuais em Ticuna (Tikuna). De acordo com a proposta constante de Soares (2008) para o Ticuna, no núcleo da projeção ASPECTO propriamente dita, está o aspecto progressivo (indicado por morfema que, subjacentemente, porta tom alto e participa de processos de dissimilação tonal; cf. Soares (1995a, 1995b, 1996, 1998, 1999b, 2001b, 2003)). No âmbito da projeção ASPECTO não se localizam outras noções aspectuais, de natureza sufixal e expressas no verbo em Ticuna, tais como aquelas referentes ao ‘continuativo’, ao ‘habitual’, à duração curta /limitada/, à ‘ação repetitiva e rápida’.

¹³ A respeito dos clíticos em Ticuna, ver também Soares (2000), que constitui publicação do primeiro volume da tese de doutorado defendida em 1992 (Soares (1992a)).

¹⁴ Os dados referentes à língua Ticuna (Tikuna) constituem aqui dados primários, coletados em área indígena com a autorização das comunidades em que trabalhamos. Nós os apresentamos neste artigo sob forma escrita, para quem queira vê-los, sobretudo, pelo ângulo sintático. Sempre que necessário, porém, fazemos referência, por meio de notas, a aspectos fonológicos e fonéticos de determinados dados.

(7) a. **Yeguma** Hilda na-na-gu **ga** tchoni rü
 Naquele tempo (PAS) 3P-OI- moquear-LOC x (PAS) peixe TOP

Reinaldo na-na-ngo'
 3P-OI-comer

'Quando Hilda moqueou o peixe, Reinaldo o comeu.'

b. **Ngeguma** Hilda na-na-gu **i** tchoni rü
 Neste/nesse tempo 3P-OI-moquear-LOC x peixe TOP

Reinaldo na-na-ngo'
 3P-OI-comer

Quando Hilda moqueia o peixe, Reinaldo o come.'

c. **Ũpa** rü na-nore **ga** nai **nhuma** rü na-muũtchi **i** nai
 antes TOP 3P-pouco x(PAS) árvore agora TOP 3P-muito x árvore

'Antes (no passado), havia poucas árvores; agora, há muitas árvores'

Os dados em (7a) e (7b) mostram a existência, no início da sentença, de um dêitico inicial que, codificando informação temporal, funciona como um complementizador e determina a forma de determinadas partículas. Os dêiticos **yeguma** e **ngeguma** estão ligados, respectivamente, ao passado e ao não-passado. Em (7c) tem-se uma coordenação entre sentenças: no início da segunda sentença, há um dêitico temporal ligado ao momento da fala (**nhuma** 'agora'), enquanto, no início da primeira, ocorre outro dêitico, cuja localização temporal é dependente do próprio momento da fala (**ũpa** 'antes'). Devido à ocorrência, no início de cada sentença em (7c), de um dêitico temporal, também aí as mesmas partículas, que ocorrem em (7a) e (7b), são afetadas. Com relação a essas partículas, nós as consideramos como as marcas de estruturas em adjunção, em um percurso que, visando a um tratamento unificado das mesmas, envolve diferentes trabalhos. Nesses, os argumentos vão na direção do redobro de uma determinada categoria, o que é próprio das estruturas em adjunção, sendo que as partículas cuja ocorrência se vê em (7a), (7b) e (7c) materializam em Ticuna tais estruturas, que podem se apresentar no nível de sintagmas nominais, enquanto D/NPs isolados, e no nível da sentença (cf. SOARES, 1992a, 1992b, 2000, 2005, 2007; BRAGA, 2010). Com um papel importante para a consecução de uma função discursiva do sintagma que introduzem, tais partículas podem ser vistas sob o ângulo sintático, conforme propõe Soares (1992b: 102-112). A sistematização do conjunto de situações em que ocorrem pode ser obtida em Soares (1992b, ibidem), com exemplificação que inclui texto e dados representados foneticamente em termos segmentais e prosódicos (com indicação de pausa, duração e altura da voz). Resumidamente, essas situações incluem: a) perguntas **qu-**; b) introdução de um "adjetivo" ou de "oração relativa", que é uma construção nominal; c) introdução de um nome ou sintagma nominal precedido de numeral/quantificador; d) introdução de um nome/sintagma nominal na relação nome-genitivo, resultante da inversão da construção genivo-nome, que é a comumente esperada na língua. Com referência à afetação das partículas em questão pelo Tempo, repetimos aqui parte do que dissemos em Soares (2010):

“Trata-se do conjunto das partículas que, aparecendo na tradução justalinear como ‘x’, são indicadoras de estruturas em adjunção e são afetadas pelo Tempo... Assim: (a) i, ya/a ‘não-passado’; (b) ga ‘passado’. A relação dessas partículas com Tempo é muito clara no caso de ga, sempre ligado à idéia de passado. Quanto às outras partículas, seu significado básico, seria – por oposição a ga – a de não-passado. Essas partículas devem estar presentes no léxico, o que significa dizer que não podem ser um marcador “dummy” (ou, em uma visão não-lexicologista, que traços a elas relacionados devem ser parte da representação sintática de base). O falante nativo sabe que partícula pode preceder determinado item lexical na configuração sintática apontada...” Idem (2010: 231, nota 58).

Assim, as partículas que identificam estruturas em adjunção - e estão assinaladas nas glossas como ‘x’ - são as que se encontram a seguir:¹⁵:

(8) i, ya /a ‘não-passado’ b. ga ‘passado’

Em Ticuna (Tikuna), não são apenas as partículas identificadoras de construções em adjunção que se encontram ao alcance do Tempo. Conforme o que conseguimos determinar, a partir de nossas pesquisas, há dois eixos temporais na língua: passado e não-passado. Considerando esses eixos, existem elementos que são regularmente alcançados pelo Tempo (Soares, 2005, 2007). Veja-se a sistematização em (09) a seguir, em que é possível verificar que estão, no escopo do Tempo, dêiticos (9A), partículas e conectivos (9B), raízes com origem em dêiticos (9C):

(09) ELEMENTOS QUE SE ENCONTRAM REGULARMENTE AO ALCANCE DO TEMPO NA LÍNGUA TICUNA (TIKUNA):

(2)A. Dêiticos

Passado

yeguma ‘aquele tempo; quando’
yema/guma ‘aquele’¹⁶
yea ‘lá’
yia/yima ‘aquele’(conhecido e estimado)
yema ‘lá; aquele lugar’¹⁷

Não-passado

ngeguma ‘aquele tempo; quando’
ngema ‘aquele’
ngea ‘lá’

ngema ‘lá; aquele lugar’
nhaã ‘esse (coisa)’
daa ‘esse (pessoa)’
nhuma ‘agora’
nuã ‘aqui’

¹⁵ Em termos fonológicos, a partícula i ‘não-passado’ encontra-se associada a tom baixo, ao passo que a partícula ya/a ‘não-passado’ associa-se a tom alto. Quanto à partícula ga ‘passado’, essa é caracterizada fonologicamente por tom alto. Para manifestações da altura fonética (pitch) nessas partículas, em sentenças e em texto, ver Soares (1992b). Para o percurso que realizamos na abordagem do tom, ver (Soares, 1984, 1986, 1992a, 1995a, 1995b, 1996, 1998, 1999b, 2001b, 2003).

¹⁶ Os dêiticos yema/guma ‘aquele’ apresentam variação na altura da voz (pitch); para a materialização os mesmos, encontramos as sequências de altura baixa e extrabaixa (5-6) e extrabaixa-baixa (6-5).

¹⁷ Conforme nossos dados, o dêitico referente a ‘lá; aquele lugar’ é realizado com as alturas meio-alta e baixa (2-5).

B.	<i>Passado</i>	<i>Não-passado</i>
Partículas	ga	i, a, ya
Conectivos ¹⁸	yerü ‘porque’	erü ‘porque’
	gana conectivo que pode introduzir uma sentença nominalizada interpretada como objeto direto	na idem

C. Raízes

<i>Passado</i>		<i>Não-Passado</i>
yii ‘ser’		ĩ ‘ser’
yema		ngema
(na-yema ‘havia, existia’)		(na-ngema ‘há, existe’)
3P-lá		3P-lá

- Ao lado das regularidades detectadas sobre o Tempo, é preciso salientar que esse, na língua, além de não ser expresso pela morfologia verbal, é formalmente separado da materialização aspectual, conforme Soares (2010) e Soares, 2008)¹⁹. Isso posto, vejamos exemplos da convivência de elementos alcançados pelo Tempo em sentenças da língua, a partir de produções espontâneas – trechos de narrativas presentes em texto político, em texto integrante de verbete de dicionário da língua e, ainda, trechos de narrativa mítica e não mítica:

(10) Trecho de narrativa mítica

Natürü	yeguma		ye(ma)	na-taã-gu
Então, mas	naquele tempo/quando (PAS)		lá (PAS)	3P-jogar-LOC
ga	guma	norü	woweru	rü
x (PAS)	aquele(PAS)	3P POSS	flauta	TOP
Mutchicutü-ũ		ni-nha		
nome de um pássaro-“DATIVO” ²⁰		3P-transformar		

(Mas quando lá ele_i (Yoi)²¹ jogou aquela flauta dele_i, ela em Mutchicutü se transformou.)
 ‘Mas quando ele (Yoi) jogou lá aquela sua flauta, ela se transformou em Mutchicutü.’

(11) Trecho de narrativa não mítica

Yeguma	rü	na-yema	ga	wü’i	ga	pacu
Naquele tempo (PAS)	TOP	3P-lá (‘havia, existia’)	x(PAS)	um	x(PAS)	moça

‘Naquele tempo, existia uma moça.’

¹⁸ Esses conectivos introduzem sentenças nominalizadas.

¹⁹ Neste artigo, rever passagem precedente sobre aspecto em Ticuna e, ainda, a nota 12.

²⁰ “Dativo” é um rótulo arbitrário para esse morfema, que mantemos devido à história de nossa pesquisa. Seu significado nuclear é ‘benefactivo’ e pode ser usado como marca de caso no objeto.

²¹ Yoi é o herói mítico criador de todos os Tikuna. Esse nome pronuncia-se como [dzɔʔi] (3-1) ou [dzɔi] (3-2).

(12) Trechos de texto político

(a).i-na-ngu-ũ ASP-3P-chegar-NMLZR	ga X (PAS)	yema aquele (PAS)	FUNAI.. FUNAI	ga X (PAS)	74... 1974
rü... e	yeguma naquele tempo (PAS)		ngutaquee reunião	ga X (PAS)	taũ grande
na-ü-gü 3P-fazer-PL	ga X (PAS)	yema aquele (PAS)	duũ ã -gü pessoa-PL		

(ela chegou, aquela FUNAI... em 1974...e naquele tempo uma grande reunião elas fizeram, aquelas pessoas)

‘Em 1974 a FUNAI chegou... e naquele tempo aquelas pessoas fizeram uma grande reunião’

(b)	rü e	maneca então	nori primeiro	rü TOP	ni-ya- 3P-OI- fizeram entrar	ga X(PAS)	na-ega 3P-nome
	ga X (PAS)	wüi um	ga X (PAS)	ta- enee... 1P.PL-irmão			

(e então primeiro, eles o escolheram, o nome dele, um irmão de nós)
‘e então eles primeiro escolheram o nome de um de nossos irmãos’

(c)	nhuma agora PL	na-ca’ 3P-por	tcha-ngema 1P.SG-convidar/chamar	i X	yatü-gü homem-PL	i X	aegacü-gü governo ²² -
	i coroneu-gü X coronel-PL						

(Agora eu chamo por eles, representantes do governo), coronéis...)
‘Agora eu chamo os representantes do governo, os coronéis...’²³

(13) Trecho de produção exemplificadora de verbete em dicionário:

(a)	Ngeguma Neste/nesse tempo	tcha-ama’ 1P.SG-esposa	ta-iraacü-gu 3PF/C ²⁴ -nascido filho-LOC	rü.. TOP
	ta-aure. 3PF/C-[fazer]dieta			

22 Para a noção de governo entre os Tikuna, ver Oliveira Filho (1988).

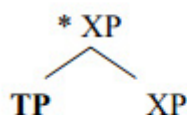
23 Sobre a relação genitivo-nome em Tikuna e a alternativa de construção de genitivo por meio da estrutura de adjunção, ver SOARES (2000: 35-38; 55-57; 70-75). Ver também SOARES (1992: 107-112).

24 Terceira pessoa familiar, íntima, de consideração (3PF/C ou, como em nossos trabalhos anteriores a 2010, 3.P.INT). Conforme Soares (2010: 231, nota 57), familiaridade, intimidade dizem respeito ao sistema de parentesco Tikuna, isto é, “o que é familiar ou íntimo define-se no interior desse sistema”. Ainda de acordo com Soares (idem, ibidem), a marca de terceira pessoa familiar e/ou de consideração em Tikuna, “está relacionada à forma pronominal tûma ‘ele/ela’, que recupera necessariamente, no discurso, um antecedente explícito ou subentendido”.

‘Quando minha esposa ganha criança / tem filho, ela faz dieta²⁵’...

De acordo com os dados arrolados até o momento e a própria sistematização realizada em (09), ficaria difícil propor que o próprio dêitico no início da sentença controlaria a temporalidade exibida no interior da mesma. Além de os dêiticos, inclusive os passíveis de estar na margem esquerda de uma sentença, serem alcançados pela categoria funcional Tempo, os próprios dêiticos iniciais não necessitam estar presentes para que haja manifestação de outros elementos que, sob o escopo do Tempo, ocorrem no interior da sentença, como se dá na primeira sentença em (12a) e (12b) acima. Além disso, a própria posição de tópico²⁶ pode ser ocupada por um dêitico temporal, seja esse ocupante único da posição – como anteriormente apresentado em (7c) e como se vê em (11) acima -, seja parte integrante de uma construção complexa, ela própria um tópico, como em (13). Pelos dados apresentados, as evidências vão na direção de que o Tempo opera, na língua, a partir de uma posição mais alta, tendo a possibilidade de atingir a proposição como um todo (Soares (1992a; Soares (2000: 93; 141, n.83)). Em outros termos, conforme mostramos em Maia et alii (1999), podemos afirmar que “os dados apontam para uma situação em que TP estaria funcionando como operador de proposição”. sendo que “T - no interior de um TP não ramificado - tem escopo sobre a sentença”, conforme delineado na representação sintática a seguir:

(14) DIAGRAMA EM ÁRVORE EM SINTONIA COM OS DADOS DA LÍNGUA TICUNA (TIKUNA)



Rizzi (1997) abriu a porta para se considerar o conteúdo proposicional como encaixado no sistema complementizador (CP), que, cindido, realiza a interface entre o conteúdo proposicional e a estrutura superordenada, não se constituindo em extensão análoga ao sistema proposicional e, em última análise, à projeção verbal interna a esse último (Idem, p. 284). Assim, consideramos a proposta de Rizzi (1997) ajustada aos dados da língua estudada e mantivemos TP como operador, porém não fora da sentença (ver Maia et alii, 1999). Uma vez que a proposta em Rizzi (1997) é a de um CP cindido, podendo ser a estrutura superordenada uma oração mais alta ou a articulação do discurso com o conteúdo proposicional, poderíamos trabalhar com a ideia de passado como ocorrendo em um tempo específico. Neste ponto, retomando e avançando em relação a Soares (2005), diremos que importa considerar a interação entre tempos pertencentes a orações relacionadas na língua estudada, para realizar algumas verificações e obter respostas para algumas questões, que importam em saber se, no que seria uma oração encaixada, haveria:

- (I) tempo específico no passado ou tempos passados arbitrários;
- (II) tempo passado que poderia ou deveria ser anafórico;
- (III) uma verdadeira operação de sequenciamento temporal;

25 Para os Ticuna, *aure* diz respeito a um conjunto de recomendações em relação à comida e ao comportamento. Assim, o uso do português ‘dieta’ – uso esse realizado pelos próprios falantes nativos de Ticuna - deve levar em conta o universo (ou melhor, multiverso) Ticuna, para uma plena compreensão do que seja ‘fazer dieta’ quando um falante nativo de Ticuna usa o português.

26 Trata-se de tópico morfológicamente marcado. Para a apresentação de evidências, demonstração de existência e relevância sintática de um tópico sentencial em Ticuna, ver Soares (1990, 1992a, 1992b, 2000).

O ponto em (I) é crítico para uma teoria do Tempo: aquela que estaria ligada puramente à lógica não poderia capturar, por meio de operadores, um tempo específico no passado, por ter que lidar com tempos passados arbitrários; mas aquelas que lidam com tempos específicos no passado sairiam favorecidas. Já o ponto (II) é relevante para a determinação da existência de um tempo concebido como zero, na linha de Kratzer (1998), Partee (1973), ou como traços em categoria funcional, em visão próxima daquela de Zagona (2014) (cf. seção 1 deste artigo). Quanto ao ponto levantado em (III), esse diz respeito diretamente à comprovação da existência ou não de um mecanismo de identificação gramatical por meio do qual se obtém a concordância entre o tempo de uma oração complemento e o tempo de uma oração matriz. Com esses pontos em mente, voltemos aos dados, focalizando aqueles que, em princípio, poderiam revelar a interação entre tempos pertencentes a orações relacionadas:

(15)

- a. Pedru nü-¹ũ i u-gu rü Maria i-ããcü.
 Pedro 3-“dativo” x contar,narrar-LOC TOP Maria 3PF-engravidar, ter filho
 (Na narração de Pedro, Maria está grávida)
 ‘Pedro disse que Maria está grávida’
- b. Pedru nü-¹ũ i u-gu rü Maria **yeguma** rü
 Pedro 3P-“DATIVO” x contar,narrar-LOC TOP Maria naquele tempo(PAS) TOP

i-ããcü

3PF-engravidar, ter filho

Tradução mais próxima: ‘Na narração de Pedro, com respeito a Maria naquele tempo passado, ela estava grávida’

Com relação aos dados em (15), tem-se que o emprego de **yeguma** ‘naquele tempo (PAS)’ em (15b) não se deu vinculado a um suposto verbo finito de uma oração matriz. Na verdade, o que se tem é um evento matriz constante de um tópico com uma sentença nominalizada e o dêitico afetado pelo tempo – **yeguma** – vincula a interpretação da gravidez de Maria diretamente a um verdadeiro tempo passado (isto é, Maria estava grávida nesse tempo passado, o que significa dizer que Maria não está mais grávida). Vale registrar que a tradução ‘livre’ de (15a) para o português - ‘Pedro disse que Maria estava grávida’ - deixa à mostra a exibição de regra de sequenciamento de tempo entre orações (SOT). A sentença em português que traduz (15a) é ambígua, podendo corresponder tanto a ‘Pedro disse: Maria está grávida’ quanto a ‘Pedro disse: Maria estava grávida’. Tal ambiguidade não existe, porém, na sentença (15a) acima, originalmente em Ticuna.

(16)

- a. Pedru nü-¹ũ i u-gu: “Iuda rü i-ti-ũ i **nhumã**”
 Pedro 3P-“DATIVO” x contar,narrar-LOC Hilda TOP ASP-3PF/C-ir x agora

Tradução mais próxima: ‘Na narração de Pedro: “Com respeito a Hilda, ela está indo embora agora” ‘

Tradução ‘livre’ para o português: ‘Pedro disse: “Hilda está indo embora agora” ‘

- b. Pedru nü-^lũ ni-u: “Ilda ta iya-ũ
 Pedro 3P-“DATIVO” 3P-contar,narrar Hilda não agora 3PF-ir

Tradução mais próxima: Pedro o contou: “Hilda irá embora”

Tradução ‘livre’ para o português: ‘Pedro disse: “Hilda irá embora”’

- c. Abel nü-^ũ i u-gu ã rü
 Abel 3P-“DATIVO” x contar,narrar-LOC INC²⁷ TOP

Yutche **marüma**²⁸ **i-ni- ã** **ega**
 José **já** **ASP-3P-ir** **HIP**

Tradução mais próxima: ‘Na possível narração possivelmente de Abel, José supostamente já estava indo embora’

Tradução ‘livre’ para o português: ‘Abel disse que José estaria indo embora’.

- d. Pedru nü-^ũ i u-gu: “Iuda rü i-ti - ã i **nhumã**”
 Pedro 3P-“DATIVO” x contar,narrar-LOC Hilda TOP ASP-3PF/C-ir x agora

Tradução mais próxima: Na narração de Pedro: “Hilda está indo embora agora”

Tradução ‘livre’ para o português: ‘Pedro disse: “Hilda está indo embora agora”’.

- e. Pedru nü-^ũ i u-gu “Iuda rü **marü** i-ti-^ũ”
 Pedro 3P-“DATIVO” x contar,narrar-LOC Hilda TOP já ASP-3P.INT-ir

Tradução mais próxima: Na narração de Pedro: “Hilda já estava indo embora”.

‘Pedro disse: “Hilda já estava indo embora”’

No que diz respeito a (16c) acima, a ida de José’ é passada, devido à presença do advérbio **marüma** ‘já’, e está caracterizada por uma progressividade aspectual (ver o prefixo de aspecto no verbo), sendo colocada como hipotética (em virtude da existência da partícula **ega**). Uma observação importante é relativa ao advérbio **marü** / **marüma** ‘já’, visto em (16c) e (16e). Esse possui valor temporal; está associado ao tempo passado e não pode ocorrer, na mesma sentença, com o dêitico **nhumã**, associado ao momento da enunciação, como se vê em (16a) e (16d). Tanto (16d) quanto (16e) constituem exemplos de discurso direto, com a diferença de que em (16d) o discurso direto se encontra vinculado ao tempo da enunciação, enquanto em (16e) o vínculo do discurso direto é com o tempo passado. Quanto à oração que introduz o discurso direto em (16d) e (16e), essa é formalmente idêntica nos dois exemplos, não havendo nela expressão de tempo. Com relação a (16b), na oração que constitui um discurso direto, tem-se **ta** ‘não agora’, que retira o enunciado do momento da fala (SOARES (2000:115)).

27 A partícula ã (incerteza) indica que alguém falou; não se dá certeza sobre quem falou e sobre aquilo que foi falado.

28 Essa forma pode ser segmentada: marü ‘já’ + ma ‘intensificador’.

A partir dos dados em (15) e (16), nos é possível propor que, na segunda oração introduzida, lida-se regularmente com um tempo específico, respondendo-se, assim, à questão expressa em (I), um pouco mais acima. Quanto à ocorrência de tempo passado que poderia ou deveria ser anafórico (questão (II)), o fato de uma segunda oração (passível de ser vista como encaixada em uma oração mais alta) apresentar sempre um tempo específico (e não um tempo formalmente dependente do tempo da oração mais alta) constitui um indicativo para a ausência, na língua, de tempo passado anafórico resultante de uma relação entre orações. Veja-se o par de dados em (17) abaixo, nos quais a primeira oração se mantém idêntica em (17a) e (17b). Aí não é a primeira oração a apresentar um tempo que possa ser tomado como antecedente para o tempo da segunda oração. Diferentemente disso, tem-se aí a fixação de um quadro temporal (ou mesmo aspectual) para a segunda oração que se dá no próprio interior desta última: em (17a), a ‘ida de Maria’, expressa na segunda oração, é retirada do momento da enunciação por *ta* ‘não agora’; em (17b), a ‘ida de Maria’, traduzida para o português por um futuro do passado, é, na realidade, uma hipótese. Tais fatos militam contra a ideia de um tempo zero, de natureza anafórica, em Ticuna, já que um suposto tempo zero não teria aí como apanhar traços de um antecedente temporal.

(17)

a. Pedru na-gu na-rüinü ã: “Maria rü iya- u) **ta**”
 Pedro 3P-LOC 3P-pensar INC Maria TOP 3PF.-ir não-agora

(Talvez Pedro possivelmente dentro dele pensou: “ Maria vai embora”)

Pedro pensou: “ Maria irá embora ”.

b. Pedru na-gu na-rüinü ã Maria rü i- ã ega
 Pedro 3P-LOC 3P-pensar INC Maria TOP 3PF.-ir HIP

(Talvez Pedro possivelmente dentro dele pensou: Maria, ela supostamente vai embora)

‘Pedro pensou: Maria vai embora (supostamente)/ Pedro pensou que Maria iria embora’.

Confirmada a existência de tempos específicos quando estão em jogo tempos em orações relacionadas e afastada a existência de um tempo zero, anafórico, ganha força um investimento na concepção do Tempo [Tense] como traço em categoria funcional, considerando-se a transmissão temporal a partir desse ponto de vista. Reconsideremos, então, dados importantes para SOT sob essa ótica, focalizando diretamente a questão (III) mais acima e suas consequências..

Em (18) abaixo estão dados conhecidos e relativos ao inglês. É possível ver aí que (18a) é completamente agramatical, enquanto (18b) é gramatical, porque neste último ‘*tomorrow*’ ‘amanhã’ é parte de uma oração encaixada que passou gramaticalmente por SOT. Já (19a) e (19b) são sentenças gramaticais em Ticuna (Tikuna). Ambas exibem construção com tópico e têm o seu predicado demarcado por *ta* ‘não agora’ (Soares, 2000:115), que retira o enunciado do momento da fala e permite que, no interior de cada sentença, se possa lidar com itens correspondentes a ‘amanhã’ ou a ‘ontem’. Levadas para uma articulação entre sentenças, como se vê em (20a) e (20b), essas possibilidades se mantêm. Assim, em (20a) e (20b), não se apresentam necessidades gramaticais que imponham a existência de SOT.

(18)a. * Harry was leaving tomorrow.

b. John said that Harry was leaving tomorrow.

(19)a. Maria rü ta ti-ũ i *mo* *ũ*
 Maria TOP não agora 3PF/C-ir x amanhã
 ‘Maria irá embora amanhã’

b. Maria rü ta ti-ũ i *ine*
 Maria TOP não agora 3PF/C-ir x ontem
 ‘Maria foi embora ontem’

(20) a João na-gu na-rüinü rü Vasco ta na-cugutae i *mo* *ũ*
 3P-LOC 3P-pensar TOP não agora 3P-jogar x amanhã
 (Com respeito ao que João pensou dentro dele, o Vasco joga amanhã)
 ‘João pensou que o Vasco jogasse amanhã’

b. João na-gu na-rüinü rü Vasco ta na-cugutae i *ine*
 3P-LOC 3P-pensar TOP não agora 3P-jogar x ontem
 (Com respeito ao que João pensou dentro dele, o Vasco jogou ontem)
 ‘João pensou que o Vasco jogasse ontem’

Os dados não apontam, assim, para a existência de SOT em Ticuna (Tikuna), uma vez que não há evidências, no que poderia ser uma sentença encaixada, de engatilhamento de concordância com o tempo de uma oração matriz através de um mecanismo de identificação gramatical. Isso posto, cabem observações finais sobre a transmissão da temporalidade. Retomemos a nossa afirmação de que *T - no interior de um TP não ramificado, isto é, que contém apenas T - tem escopo sobre a própria sentença* (rever diagrama em (14), sintonizado com os fatos do Ticuna). Essa afirmação, ao colocar em cena a noção de escopo, aproxima a operação do Tempo [Tense] daquela referente aos quantificadores. Em Soares (2005), ao assumirmos quantificadores como exemplos canônicos de operadores e ao abordarmos a extensão de suas opções interpretativas, mostramos que a língua estudada não apresenta um caráter irrestrito e ilimitado quanto a operadores. Os dados que utilizamos encontram-se reproduzidos adiante. Por meio desses foi possível demonstrar que há uma restrição formal sobre o que pode estar no escopo de um quantificador a partir da presença de uma das partículas que assinalam estruturas em adjunção (**i**, **ya**, **a**, **ga**). Assim, em (21a) e (21b), o quantificador correspondente a ‘um’, ‘cada um’ tem no seu escopo apenas o nominal que a ele se liga por meio de uma das partículas mencionadas. A interpretação aí é a de que cada aluno beija uma professora qualquer, sem que cada aluno beije cada professora presente. Já em (22a) e (22b) dois quantificadores estão presentes para que cada nominal seja atingido, tendo-se aí por resultado a interpretação em que cada aluno beija cada professora.

(21) a. **Wü** **itchigü** i nguẽũ , nguerũũ na-wai
 Cada um x estudante professor(a) 3P-beijar
 (Cada estudante, professora beijou)
 Tradução tentativa: ‘Cada estudante beijou uma²⁹ professora’.

29 Nessa tradução, ‘uma’ (‘em ‘uma professora’) é artigo indefinido, o que corresponderia à idéia de indefinidade do objeto contida, em Ticuna,

b. **Wü'i** i ngueũ nguerũ na-wai
 Um/(cada um) x estudante professor(a) 3P-beijar
 (Cada estudante, professora beijou)
 Tradução tentativa: 'Cada estudante beijou uma³⁰ professora'

(22)a. **Wü'i** i ngueũ **wü'i** i nguerũ na-wai
 Um/(cada) um x estudante uma/(cada)um x professor(a) 3P-beijar
 (Cada estudante cada professora beijou)
 Tradução tentativa: 'Cada estudante beijou cada/uma³¹ professora'

b. **Wü'i** i ngueũ rü **wü'i** i nguerũ na-wai
 Um/(cada) um x estudante TOP um(a)/(cada) um x professor(a) 3P-beijar
 (Cada estudante, cada professora beijou)
 Tradução tentativa: 'Cada estudante, ele beijou cada/uma³² professora'

Devido à restrição formal sobre o que pode estar no escopo de um quantificador a partir da presença de uma das partículas que assinalam estruturas em adjunção, ficam limitadas as opções interpretativas. Prova disso é que a sentença em Ticuna vista em (23) abaixo não exibe a mesma ambiguidade da sentença em inglês mostrada em (24). Essa última tem as suas possibilidades de leitura ampliadas porque um operador pode estar no escopo de outro, podendo ser invertidas as suas posições sem restrições. O mesmo não acontece em Ticuna: nesta língua, uma sentença como (23) não seria ambígua.

(23) **Wü'i** eũ na-wai
 Um alguém 3P-beijar
 (Um/ (cada) um alguém beijou)
 'Cada um beijou alguém'

(24) a. Everyone kissed someone.

b. Everyone_x [someone_y [x kissed y]]

c. Someone_y [everyone_x [x kissed y]]

Na aproximação efetuada, via escopo, entre quantificadores e Tempo, sobressai, para os quantificadores em Ticuna, o seu caráter restrito, limitado. No caso do Tempo, estão no seu escopo determinados elementos no interior da sentença, limitando-se o seu alcance à própria sentença, sem que haja imposição de concordância temporal entre uma oração principal e uma oração complemento – o que é compatível com a caracterização do Ticuna como sendo uma língua que não apresenta SOT.

na ordem SOV (ver Quesada & Soares (1999)).

30 Idem.

31 Aqui 'uma' traduz **wü'i** e, nesse caso, é quantificador.

32 Ver nota imediatamente anterior.

4- CONSIDERAÇÕES

De acordo com a análise aqui efetuada, a relação entre orações em Ticuna (Tikuna) envolve um tempo específico, isto é, um tempo que não é formalmente dependente do tempo de uma oração mais alta. As indicações são também as de inexistência, na língua, de tempo passado anafórico, resultante de uma relação entre orações. Do mesmo modo, os fatos militam contra a ideia de um tempo zero, de natureza anafórica, em Ticuna, já que um suposto tempo zero não teria aí como apanhar traços de um antecedente temporal. Por fim, os dados não apontam para a existência de SOT em Ticuna (Tikuna), uma vez que não há evidências, no que poderia ser uma oração encaixada, de engatilhamento de concordância com o tempo de uma oração matriz através de um mecanismo de identificação gramatical.

5.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARKADIEV, P.; KLAMER, M. (2016). Morphological theory and typology. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/309359394_Morphological_theory_and_typology_2nd_revised_version

ASCHER, N. & LASCARIDES, A. (2003). *Logics of conversation*. Cambridge: Cambridge University Press.

BERTINETTO, P.M. (2014). Tenselessness in South American indigenous languages with focus on Ayoreo (Zamuco). *LIAMES* 14: 149-171.

BRAGA, R. S-C. (2010). As interrogativas em Ticuna: propondo o movimento encoberto. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em Linguística/UFRJ.

CASTRO, R. C.; CAMARGOS, Q. F. (2015). Propriedades verbais em estruturas nominais e nominalizadas na língua Tenetehára (família Tupí-Guaraní). *LIAMES*, 15 (1); 46-67.

COMRIE, B. (1985). *Tense*. Cambridge: Cambridge University Press.

DEMIRDACHE, H; URIBE-ETXEBARRIA, M. (2000). The primitives of temporal relations. In: Martin, R; Michaels, D; Uriagereka, J. (eds.), *Step by Step: Essays on Minimalist Syntax in Honor of Howard Lasnik*. Cambridge, MA: MIT Press, 157-186.

GIORGI, A. & PIANESI, F. (1997). *Tense and aspect. From syntax to morphosyntax*. Nex York and Oxford, Oxford University Press.

HIGGINBOTHAM, J (2006). The anaphoric theory of tense. In: GIBSON, M. & HOWELL , (eds) *Proceedings of Salt XVI*, Ithaca, CLC Publications.(<http://research.nii.ac.jp/salt16/proceedings/Higginbotham.pdf>)

- HORNSTEIN, N. (1990). *As time goes by. Tense and Universal Grammar*. Cambridge; London: The MIT Press.
- KAMP, H.; PARTEE, B.H. (1995). Prototype theory and compositionality. *Cognition* 57(2). 129–191.
- KAMP, H.; REYLE, U. (1993). *From discourse to logic: an introduction to modeltheoretic semantics of natural language, formal logic and discourse representation theory*. Dordrecht: Kluwer.
- KRATZER, A. (1998). More structural analogies between pronouns and tenses. *SALT8*, MIT. Disponível em <http://journals.linguisticsociety.org/proceedings/index.php/SALT/article/viewFile/2808/2548> .
- LEITE, Y; SOARES, M.F.; SOUZA, T.C. (1985). **O papel do aluno na alfabetização de grupos indígenas: a realidade psicológica das descrições linguísticas**. *Boletim do Museu Nacional, Antropologia Nova Série*, n. 53: 1-23.
- MAGÜTA/CGTT. (1998). *Atlas das terras Ticunas*. Rio de Janeiro, Museu Nacional/MCT/PPG7.
- MAIA, M; FRANCHETTO, B; LEITE, Y; SOARES, M. FACÓ; VIEIRA, M.D. 1999. “A estrutura da oração em línguas indígenas brasileiras”. *DELTA: Revista de Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, n. 15.1: 1-26.
- _____. 1998. “Comparação de aspectos da gramática em línguas indígenas brasileiras”. *DELTA: Revista de Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, número 14.2: 349-375.
- OLIVEIRA FILHO, J.P. (1999). O idioma da intolerância: situação etnográfica, comunidades de comunicação e definições de realidade. *Amazônia em Cadernos*, nº 5: 13-37. Manaus, Editora da Universidade do Amazonas.
- PARTEE, B. (1973) Some structural analogies between tenses and pronouns in English. *Journal of Philosophy* 70: 601-609.
- QUESADA, D. J.; SOARES, M. F. (1999). Participant-highlighting in two linguistic areas of the Americas. In: *Proceedings of WSCLA 4. The Workshop on Structure and Constituency in Languages of the Americas*, 1999, Vancouver. UBCPL - University of British Columbia Working Papers in Linguistics. Vancouver: University of British Columbia. v.II. p.117 - 129
- RIZZI, L. (1997) *The Fine Structure of the Left Periphery*. In: Haegeman, L. (ed) *Elements of Grammar: A Handbook of Generative Syntax*. Dordrecht: Kluwer, 281-337.
- _____. (1988). *O nosso governo': os Ticuna e o regime tutelar*. São Paulo, Marco Zero/CNPq.

SOARES, M.F. (em andamento). Clíticos e construções não-argumentais em Tikuna. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Ms.

_____. (2010). Categorias funcionais e conhecimento enciclopédico ou sintaxe e significado no domínio verbal: noções aspectuais e expressão da causatividade em Ticuna. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 18, n. 1, p. 187-234, jan./jun.

_____. (2007) Aspects de la modalité épistémique en Tikuna (2007). In: LANDABURU, J.; GUENTCHEVA, Z. (eds.). (Org.). L'énonciation médiatisée II. Le traitement épistémologique de l'information: illustrations amérindiennes et caucasiennes. Louvain et Paris: Éditions Peeters. p. 219-240.

_____. (2008). Língua/linguagem e tradução cultural: algumas considerações a partir do universo Ticuna. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Belém, v. 3, n. 1, p. 51-63, jan.-abr. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v3n1/v3n1a05.pdf>

_____. (2005). Da representação do Tempo em Tikuna. In: RODRIGUES, A. D. & CABRAL, A. S. A. (orgs.) *Novos estudos sobre línguas indígenas*. Brasília: Editora da UnB.

_____. (2003). Línguas indígenas: caminhos de uma investigação. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v.38, p.63 – 88.

_____. (2001a). Some aspects of Tikuna syntax. Trabalho apresentado no Grupo de Sintaxe do Departamento de Linguística da Universidade de Toronto, Canadá.

_____. (2001b). “Subespecificação tonal e tom default: o caso Tikuna”. In: CABRAL, A.S. (org.) *Estudos sobre línguas indígenas*. Belém: Universidade Federal do Pará. p. 9-35.

_____. (2000). Investigação de aspectos da sintaxe Tikuna. Volume I de *O supra-segmental em Tikuna e a teoria fonológica*. Campinas: Editora da UNICAMP. 185p. [Publicação do primeiro volume da Tese de Doutorado de mesmo nome defendida na UNICAMP em 1992].

_____. (1999a). “A formal approach to clitics in Tikuna”. V Encuentro Internacional de Lingüística en el noroeste. Memorias. Volumen 1. Hermosillo, Sonora: Editorial Unison.

_____. (1999b). A contribuição do Tikuna às regras do ritmo e à relação sintaxe-fonologia. In: SCARPA, E. *Estudos de prosódia no Brasil*. 1 ed. Campinas : Editora da UNICAMP. p. 189-252.

_____. (1998). Sous-spécification tonale en Tikuna. In. CARON, B. (ed.) *Actes du 16e Congrès des Linguistes*, 1997.. Oxford: Oxford Elsevier Sciences.

_____. (1997). Algumas possibilidades abertas no horizonte da pesquisa com línguas indígenas brasileiras. *Anais do I Congresso Nacional da Associação Brasileira de Linguística*. Maceió: ABRALIN.

_____. (1996). Regulação rítmica e atuação do OCP em Tikuna. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v.31, p.7 - 26.

_____. (1995a). Núcleo e coda. A sílaba em Tikuna In: WETZELS, L. (org.) *Estudos fonológicos das línguas indígenas brasileiras*. 1 ed.Rio de Janeiro : UFRJ, 1995, p. 195-263.

_____. (1995b). Ritmo y Tono en Tikuna. *Actas de las Segundas Jornadas de Lingüística Aborígen*, 1994. Buenos Aires. Buenos Aires: UBA. p.147 – 161.

_____. (1992a). O supra-segmental em Tikuna e a teoria fonológica. Volume I. Investigação de aspectos da sintaxe Tikuna. Volume II: Ritmo. Tese de Doutorado. Campinas, IEL/UNICAMP.

_____. (1992b). Ordem de palavra: primeiros passos para uma relação entre som, forma e estrutura em Tikuna. *Amerindia*, Paris, 17: 89-119. Disponível em: https://www.vjf.cnrs.fr/sedyl/amerindia/articles/pdf/A_17_05.pdf.

_____. (1990). Marcação de caso e atribuição de Caso em Tikuna. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas 16: 79-114. Disponível em: <http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/cel/article/view/3043/4083>.

_____. (1991). Aspectos suprasegmentais e discurso em Tikuna In: *discurso indígena. A materialidade da língua e o movimento da identidade*. 1 ed.CAMPINAS : UNICAMP, 1991, p. 45-138.

_____. (1990) Marcação de caso e atribuição de Caso em Tikuna. *Cadernos de Estudos Linguísticos* (UNICAMP). , v.18: 79 – 114.

_____. (1986) Alguns processos fonológicos em Tikuna. *Cadernos de Estudos Linguísticos* (UNICAMP), v.10, p.97 – 138.

_____. (1984). Traços acústicos das vogais em Tikuna. *Cadernos de Estudos Linguísticos* (UNICAMP) , v.7, p.137- – 175.

STOWELL, T. A. (1996). The phrase structure of Tense. In: ROORYCK, J.; ZARING, L. *Phrase structure and the lexicon*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.

_____. (1981) *Origins of phrase structure*. Ph.D. dissertation. Department of Linguistics and Philosophy, MIT.

PARTEE, B. (1973). Some analogies between tenses and pronouns in English. *Journal of Philosophy* 70: 601-609.

ZAGONA, K. (2014). Sequence-of-tense and the features of finite tenses. *Nordlyd* 41. 2: 261-272. [In: KRÄMER, M.; RONAI, S. ; SVENONIUS, P. (eds.) 2014. *Features*. Número duplo especial de *Nordlyd*. Disponível em: <http://septentrio.uit.no/index.php/nordlyd/article/view/3419>.]

_____ (2003). Tense and anaphora: is there a tense-specific theory of coreference? In: BARSS, A. *Anaphora: a reference guide*. Blackwell: Oxford.